

A REDE URBANA DE RORAIMA: PRIMAZIA E INTEGRAÇÃO¹

Sylvio BANDEIRA DE MELLO E SILVA²
BARBARA-CHRISTINE NENTWIG SILVA³

Resumo

O Estado de Roraima, Território Federal até 1988, apresenta uma estrutura urbana fortemente primaz, em função do tamanho demográfico de sua capital, Boa Vista, comparado com as demais cidades do Estado, a maioria de pequeníssimo porte, o que determina todo um conjunto de relações funcionais do tipo dominação-dependência. Boa Vista, por sua vez, tem uma forte integração com Manaus, a metrópole da Amazônia Ocidental. O trabalho analisa, com base em métodos estatístico-cartográficos, o processo de urbanização do Estado nas últimas décadas, com destaque para as análises gráficas tamanho-hierarquia expressando a constituição de uma estrutura em rede do tipo primaz. Boa Vista é também analisada quanto à constituição de sua base econômica, particularmente o setor comercial, a administração pública (federal, estadual e municipal) e outros serviços, como bancos, educação, saúde e transportes. O papel das políticas públicas é ressaltado como o principal elemento de explicação para justificar o crescimento de Boa Vista e a formação de sua rede urbana primaz, articulada à rede urbana da capital amazonense. Assim, Boa Vista cresceu, dentro do projeto geopolítico brasileiro, como o ponto central de controle da região e isto se expande na medida em que se dinamiza a ocupação do território, com diferentes usos e, de forma associada, com a implantação da rede rodoviária, destacando-se o eixo da BR-174 (Manaus-Boa Vista-Fronteira com a Venezuela).

Palavras chave: Rede urbana; Estado de Roraima; primazia urbana.

Abstract

The State of Roraima, a Brazilian Federal Territory until 1988, presents a strong primate urban structure. In effect, Boa Vista, the State capital, has much more population than others cities, most of all with a very small population which determines functional relationships dominated by the capital. Boa Vista also has a strong integration with Manaus, the Western Amazonian metropolis. The paper analyses, based on cartographic and statistical methods, the State urbanization process in the last decades, using urban – size graphics in order to clarify the primate urban structure. The construction of Boa Vista economic base is also analyzed particularly the commercial, public administration federal, state and municipal and others services like banks, education, health and transportation. The relevance of public policies is presented as the most important element to explain and justify the growth of Boa Vista and the formation of its urban structure, integrated in the urban network of Manaus. Therefore, Boa Vista has grown, in the Brazilian geopolitical project, as the central point for the region control and this had an expansion with the dynamic of the regional economic occupation associated to the new roads construction, particularly the BR-174 (Manaus – Boa Vista – Venezuela frontier).

Key Words: Urban network; State of Roraima; Urban primacy

Introdução

Na análise de uma rede urbana, ou seja, de um sistema de cidades que mantém entre si elevados padrões de interação, expressando uma forte interdependência, emerge como um conceito relevante o de primazia urbana.

O pioneiro na formulação deste conceito foi o geógrafo Mark Jefferson (1939) na tentativa de explicar o fenômeno das enormes cidades que representam uma larga proporção da população de um país bem como de sua economia. Estas aglomerações gigantescas freqüentemente são as capitais de seus países.

Assim, diz Jefferson (1939, p. 226):

A cidade mais importante de um país é sempre desproporcionalmente grande e excepcionalmente expressiva da capacidade e do sentimento nacionais. A cidade primaz é comumente **peelo menos o dobro da cidade mais próxima em tamanho e mais do que o dobro como significado.** (grifos nossos).

Como resultado, ocorre, com freqüência, que um conjunto formado por muitas pequenas cidades é dominado por uma só grande cidade e que há um número muito pequeno de cidades médias. Em vários casos, estas podem até inexistir.

Por conseguinte, a influência de uma cidade primaz é muito grande sobre todo o conjunto do território nacional (ou regional). Desta forma,

¹ Este trabalho contou com a colaboração de Araori Silva Coelho, Bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

² UCSAL e UFBA, Pesquisador do CNPq. sylvioms@ucsal.br

³ UCSAL e UFBA, Pesquisadora do CNPq. barbarans@ucsal.br

o conceito de cidade primaz se opõe, teoricamente, ao modelo mais abrangente de distribuição das localidades centrais, proposto por Christaller (1933), onde se estrutura uma hierarquia urbana bem mais equilibrada quanto ao tamanho demográfico e funcional das aglomerações urbanas. Com efeito, Christaller imaginou um sistema urbano organizado de forma hierárquica que pudesse expressar um equilíbrio entre eficiência e equidade espaciais no processo de distribuição de bens e serviços, com base, particularmente, nos conceitos de limiar, alcance e acessibilidade e nos princípios de mercado, de transporte e administrativo (CHRISTALLER, 1933; SILVA; SILVA; LEÃO, 1987, p.27-34). Isto resulta em um sistema urbano bem estruturado, mesmo com diferenciações, quanto ao número, tamanho, função e distribuição espacial das cidades, com importantes repercussões na eficiência e na equidade espaciais.

Eficiência espacial pode ser definida, teoricamente, quando uma determinada organização espacial possibilita a maximização dos retornos de todas as atividades, em um sistema competitivo, a partir de seus padrões locais e das interações espaciais decorrentes. É a análise sob o ângulo da oferta. Já a equidade espacial refere-se, também teoricamente, à maximização do acesso a todos os componentes do bem-estar social por parte de uma determinada população, a partir de seus padrões locais e das interações espaciais decorrentes. É a análise sob o ângulo

da demanda. Como diz Rondinelli (1983, p.19), “um desconcentrado, articulado e integrado sistema de cidades fornece, por causa disto, um acesso potencial para as pessoas vivendo em qualquer parte da região ou do país e constitui um padrão equilibrado de urbanização”.

Assim, o modelo da primazia urbana, na prática, é a antítese do modelo ideal das localidades centrais, sendo o primeiro encontrado no mundo real com mais frequência, com maior ou menor aproximação com relação ao que foi proposto por Jefferson, em todo o mundo. Para a análise de todas estas questões, destaca-se a chamada regra do tamanho-hierarquia das cidades, proposta por G. K. Zipf, em 1949. A regra do tamanho-hierarquia registra a relação entre a hierarquia das cidades e suas populações.

A fórmula da primazia urbana é a seguinte: $PrU = Pmc/Psc \dots n$ onde PrU é a primazia urbana; Pmc é a população da maior cidade; Psc é a população da segunda cidade e n é a enésima cidade. Como resultado, teremos quantas vezes a cidade mais importante em população é maior que a segunda cidade e assim sucessivamente. Isto pode ser completado pela fórmula: $PrU = (Psc / Pmc) \cdot 100$. Como resultado, teremos a porcentagem da segunda cidade em população sobre a maior cidade e assim sucessivamente.

Um sistema relativamente bem equilibrado de cidades segundo o tamanho, como o inerente ao modelo das localidades centrais, resulta

rá em um modelo tamanho-hierarquia sem grandes rupturas; já um sistema desequilibrado, também com relação ao tamanho, resultará em um modelo de primazia urbana, ou seja, com grandes rupturas na estrutura urbana.

O objetivo deste trabalho é, então, o de analisar a rede urbana do Estado de Roraima qualificando e quantificando sua estrutura e integração de acordo com o conceito de primazia urbana e seus desdobramentos nos padrões de interação.

Estado de Roraima: contextualização

O Estado de Roraima foi criado com a Constituição de 1988, sendo antes considerado como Território Federal e isto desde 1943. Antes desta última data, fazia parte do Estado do Amazonas sendo que todo o espaço de Roraima correspondia ao município de Boa Vista, criado em 1890. O segundo município do território, Caracarái, só foi criado em 1955.

Em 1950, quando pela primeira aparece o então Território de Rio Branco (mais tarde Território de Roraima) em um Censo Demográfico, o mesmo tinha apenas 18.116 habitantes em uma área de 225.116 km² passando para 324.397 habitantes no ano de 2000, e 381.896 habitantes em 2004, com base em estimativas do IBGE. A tabela 1 permite comparar, em termos absolutos, a evolução demográfica de Roraima no contexto brasileiro e da região Norte, entre 1950 e 2000.

Tabela 1
BRASIL E REGIÃO NORTE
POPULAÇÃO RESIDENTE – 1950/2000

Unidades territoriais	1950	1960	1970	1980	1991	2000
BRASIL	51.944.397	70.070.457	93.139.037	119.002.706	146.825.475	169.799.170
REGIÃO NORTE	1.844.655	2.561.782	3.603.860	5.880.268	10.030.556	12.900.704
Rondônia	36.935	69.792	111.064	491.069	1.132.692	1.379.787
Acre	114.755	158.184	215.299	301.303	417.718	557.526
Amazonas	514.099	708.459	955.235	1.430.089	2.103.243	2.812.557
Roraima	18.116	28.304	40.885	79.159	217.583	324.397
Pará	1.123.273	1.529.293	2.167.018	3.403.391	4.950.060	6.192.307
Amapá	37.477	67.750	114.359	175.257	289.397	477.032
Tocantins	-	-	-	-	919.863	1.157.098

Fonte: IBGE. Censos Demográficos – 1950/2000.

Já a tabela 2 apresenta o crescimento demográfico em termos relativos. Observa-se, inicialmente, que a região Norte sempre cresceu mais do que o Brasil, sobretudo a partir de 1960. Nas décadas de 50 e 60 do século passado, os estados que mais cresceram foram Rondônia e Amapá; nas décadas de 70 e 80, Rondônia e Roraima e, finalmente, na década de 90, Amapá e Roraima.

O recente dinamismo demográfico de toda a região Norte vem se dando, sobretudo, através das migrações provenientes de outras regiões do país, dentro do modelo geral de ocupação territorial denominado fronteira de recursos, planejado no Brasil desde a década de 40 do século passado ou implementado de forma espontânea (FRIEDMANN, 1969; BECKER, 1978; GUERRA, 1957; BARROS, 1995). A lógica era de natureza geopolítica e a atração econômica residia na exploração mineral (especialmente garimpos) e vegetal e na produção agropecuária em novas áreas, em Roraima, sobretudo, para o arroz

Tabela 2
BRASIL E REGIÃO NORTE
TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL (%) 1950/2000

Unid. territoriais	1950/1960	1960/1970	1970/1980	1980/1991	1991/2000
BRASIL	3,04	2,89	2,48	1,93	1,63
REGIÃO NORTE	3,34	3,47	5,02	4,97	2,84
Rondônia	6,57	4,76	16,03	7,89	2,22
Acre	3,26	3,13	3,42	3,01	3,26
Amazonas	3,26	3,03	4,12	3,57	3,28
Roraima	4,56	3,75	6,83	9,63	4,54
Pará	3,13	3,55	4,62	3,46	2,52
Amapá	6,10	5,37	4,36	4,67	5,71
Tocantins	-	-	-	-	2,58

Fonte: Calculado segundo IBGE. Censos Demográficos-1950/2000.

e, mais recentemente, para a soja (SILVA; SILVA, 2004). No caso de Roraima, isto é destacado somente a partir dos anos 70, e, particularmente, nos anos 80 com uma taxa de crescimento demográfico de quase 10% ao ano, a maior da região Norte.

Segundo o Censo Demográfico de 2000, de uma população residente em Roraima de 324.397 habitantes, 152.975 pessoas (47,2%) nasceram em outros estados, a maioria no Ma-

ranhão (59.072 pessoas, ou seja, 38,6% do total de migrantes). A tabela 3 detalha a importância do processo migratório para as Mesorregiões, as Microrregiões e os Municípios do Estado de Roraima. Em termos absolutos, o destaque é para a Mesorregião Norte, para a Microrregião de Boa Vista e para o Município de Boa Vista, com 101.893 migrantes (66,61% dos migrantes do Estado de Roraima).

Tabela 3
ESTADO DE RORAIMA
POPULAÇÃO E ORIGEM DOS MIGRANTES – 2000

ESTADOS, MESORREGIÕES, MICRORREGIÕES E MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO			ESTADO COM MAIOR NÚMERO DE NÃO-NASCIDOS EM RORAIMA		
	Total	Não-nascidos em Roraima	%	Estado	Total	%
ESTADO	324.397	152.975	47,16	Maranhão	59.072	38,60
MESORREGIÕES						
Norte de Roraima	260.596	115.697	44,40	Maranhão	43.649	37,73
Sul de Roraima	63.801	37.282	58,43	Maranhão	15.423	41,37
MICRORREGIÕES						
Boa Vista	230.759	109.819	47,59	Maranhão	40.756	37,11
Caracarái	30.314	16.092	53,08	Maranhão	6.737	41,87
Nordeste de Roraima	29.837	5.875	19,69	Maranhão	2.893	49,24
Sudeste de Roraima	33.487	21.187	63,27	Maranhão	8.686	41,00
MUNICÍPIOS						
Alto Alegre	17.907	5.522	30,84	Maranhão	3.120	56,50
Amajari	5.294	996	18,81	Maranhão	310	31,12
Boa Vista	200.568	101.893	50,80	Maranhão	36.961	36,27
Bonfim	9.326	2.072	22,22	Maranhão	893	43,10
Cantá	8.571	3.324	38,78	Maranhão	1.797	54,06
Caracarái	14.286	6.790	47,53	Amazonas	2.599	38,28
Caroebe	5.692	3.444	60,51	Maranhão	1.053	30,57
Iracema	4.781	3.072	64,25	Maranhão	1.956	63,67
Mucajái	11.247	6.228	55,37	Maranhão	3.192	51,25
Normandia	6.138	305	4,97	Maranhão	125	40,98
Pacaraima	6.990	1.408	20,14	Maranhão	365	25,92
Rorainópolis	17.393	10.817	62,19	Maranhão	4.485	41,46
São João da Baliza	5.091	3.378	66,35	Maranhão	1.338	39,61
São Luiz	5.311	3.547	66,79	Maranhão	1.809	51,00
Uiramutã	5802	175	3,02	Maranhão	77	44,00

Fonte: Calculado segundo IBGE. Censo Demográfico-2000.

A presença de maranhenses e de outros nordestinos é tão grande em Roraima que, em Boa Vista, o dia 12 de outubro é o Dia do Nordeste. Já os gaúchos (e outros sulistas) dispõem, em Boa Vista, de um bem equipado Clube de Tradições Gaúchas.

De acordo com levantamentos recentes, os fluxos migratórios, que vinham crescendo nos últimos anos, sobretudo devido aos concursos públicos, começaram a cair. Dados estatísticos da Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social revelam que no primeiro semestre de 2003, 7.645 migrantes chegaram a Boa Vista, enquanto que no primeiro semestre de 2004 chegaram 5.048 dos quais 2.278 pessoas originárias do Maranhão, 1.354 do Pará e 822 do Amazonas (*Folha de Boa Vista*, 9 de julho de 2004, <http://www.folhabv.com.br/cidade>).

A população indígena só pode ser apresentada através de estimativas já que não há um recenseamento detalhado sobre os índios em Roraima. Os grupos indígenas não atingem uma população numerosa mas ocupam extensas áreas do Estado, o que tem gerado constantes conflitos de interesse envolvendo o Governo Federal, o Governo Estadual, os fazendeiros e os diferentes grupos indígenas. Segundo dados recentes da Fundação Nacional do Índio/FUNAI existem em Roraima 30.715 índios, distribuídos em diversos grupos, que ocupam uma área de 10.401.843 ha, ou seja, 46% do território estadual. Os grupos existentes em Roraima são os seguintes: Ingaricô, Macuxi, Patamona, Taurepang, Waimiri-Atroari, Wapixana, Waiwai, Yanomami e Ye'kuana (<http://www.funai.gov.br>, acesso em 10.08.2004).

População urbana e rural

O crescimento demográfico de Roraima se dá nas áreas consideradas urbanas e rurais, sendo que, a rigor, muitas áreas urbanas deveriam ser consideradas áreas de caráter rural. Em 2000, a população das cidades do Estado de Roraima pode ser analisada na tabela 4 onde se destaca que dez das 15 cidades têm menos que 5.000 habitantes, dentre as quais duas têm menos que 1.000 habitantes, cada uma, portanto, com

Tabela 4
ESTADO DE RORAIMA
POPULAÇÃO TOTAL, URBANA E RURAL – 2000

Estado e Municípios	População total	População urbana	Taxa de urbanização (%)	População total
ESTADO	324.397	247.016	76,15	77.381
Alto Alegre	17.907	5.195	29,01	12.712
Amajari	5.294	799	15,09	4.495
Boa Vista	200.568	197.098	98,27	3.470
Bonfim	9.326	3.000	32,17	6.326
Cantá	8.571	1.155	13,48	7.416
Caracaraí	14.286	8.236	57,65	6.050
Caroebe	5.692	1.977	34,73	3.715
Iracema	4.781	3.228	67,52	1.553
Mucajá	11.247	7.029	62,50	4.218
Normandia	6.138	1.500	24,44	4.638
Pacaraima	6.990	2.760	39,49	4.230
Rorainópolis	17.393	7.185	41,31	10.208
São João da Baliza	5.091	3.882	76,25	1.209
São Luiz	5.311	3.447	64,90	1.864
Uiramutã	5.802	525	9,05	5.277

Fonte: IBGE. *Censo Demográfico-2000*.

pouco mais de 100 famílias na sede municipal (Uiramutã, com 525 habitantes e Amajari, com 799 habitantes). Considerando que nenhum município de Roraima possui vilas (sedes de distritos, segundo a definição do IBGE), a população urbana apresentada corresponde à população das cidades (sedes dos municípios). As taxas de urbanização são também bastante diversificadas, ressaltando-se o fato de que o tamanho macrocefálico de Boa Vista afeta toda a taxa média de urbanização do Estado de Roraima. Por outro lado, Roraima possui, segundo o Censo Demográfico de 2000, 22 povoados com população variando entre 91 e 926 habitantes o que resulta no fato de que alguns povoados têm população maior do que as duas menores sedes municipais do Estado, Uiramutã e Amajari. No Cen-

so, a população dos povoados é computada como população rural.

Assim, se os dados sobre as populações das cidades de Roraima não estão de acordo com o próprio conceito de cidade, aproximando-se mais das características de aglomerações rurais, por conseguinte, é possível também questionar a existência de uma rede urbana em Roraima, como o fizeram Amorim Filho e Diniz (2004a, p. 2) quando falam em uma "rede urbana em gestação".

O grande destaque na análise urbana de Roraima é, portanto, para Boa Vista e, em muito menor proporção, para Caracaraí, a 2ª cidade do Estado. O crescimento da importância da posição relativa de Boa Vista com relação ao Estado começa a configurar, a partir de 1970, uma situação de primazia urbana (tabela 5).

Tabela 5
ESTADO DE RORAIMA
PROPORÇÃO ENTRE A POPULAÇÃO DE BOA VISTA
E A POPULAÇÃO DO ESTADO DE RORAIMA – 1950/2000

Cidade e Estado	ANOS					
	1950	1960	1970	1980	1991	2000
População do Estado	18.116	28.304	40.885	79.159	217.583	324.397
População de Boa Vista	5.132	7.037	16.727	43.016	118.926	197.098
% da população de Boa Vista / Estado	28,33	24,86	40,91	54,34	54,66	60,76

Fonte: BARROS, 1995; IBGE, 1950/2000.

Entre 1950 e 2000, a população de Boa Vista evoluiu de maneira exponencial (figura 1):

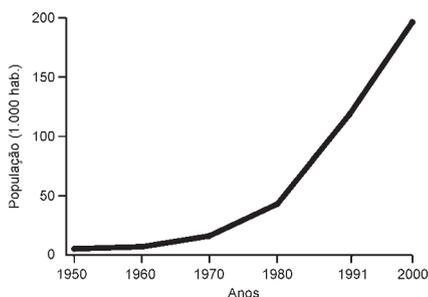


Figura 1
CIDADE DE BOA VISTA
CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO –
1950 / 2000

Fonte: BARROS, 1995; IBGE, 1950/2000.

Já as taxas geométricas de crescimento anual da cidade de Boa Vista indicam um expressivo dinamismo para o mesmo período (tabela 6). Comparando com o crescimento demográfico do Estado de Roraima, a cidade de Boa Vista só não supera o do Estado na década de 50.

O dinamismo da população urbana e rural é um outro dado importante para ser analisado. Na década de 60 é que o crescimento da população rural supera o crescimento da população urbana. Na última década, cai bastante o crescimento da população rural e o crescimento da população urbana, apesar de uma significativa redução com relação a décadas anteriores, mantêm-se alto. Entretanto, é preciso considerar que nas décadas de 80 e 90 ocorreu a criação de treze municípios o que aumenta o total da população urbana e reduz o total da população rural já que antigos povoados, antes considerados rurais, foram elevados à condição de cidades sedes de municípios, mesmo com pequeno tamanho demográfico.

As densidades relacionadas com a população total e rural permitem ressaltar a diversidade da ocupação atual do espaço de Roraima, como corolário das mudanças observadas nas últimas décadas (figura 2). Destacam-se dois núcleos principais de povoamento: o do Sudeste de Roraima, integrando Rorainópolis, São Luiz, São João da Baliza e Caroebe,

Tabela 6
ESTADO DE RORAIMA
TAXAS DE CRESCIMENTO ANUAL – 1950/2000

Estado e unidades espaciais	Taxas geométricas de crescimento anual (%)				
	1950/1960	1960/1970	1970/1980	1980/1991	1991/2000
ESTADO	4,56	3,75	6,83	9,63	4,54
População urbana	9,00	3,71	10,80	10,13	6,44
População rural	2,21	3,78	2,66	8,78	0,09
Cidade de Boa Vista	3,21	9,04	9,91	9,69	5,77

Fonte: Calculado segundo dados do IBGE. *Censos Demográficos – 1950/2000.*

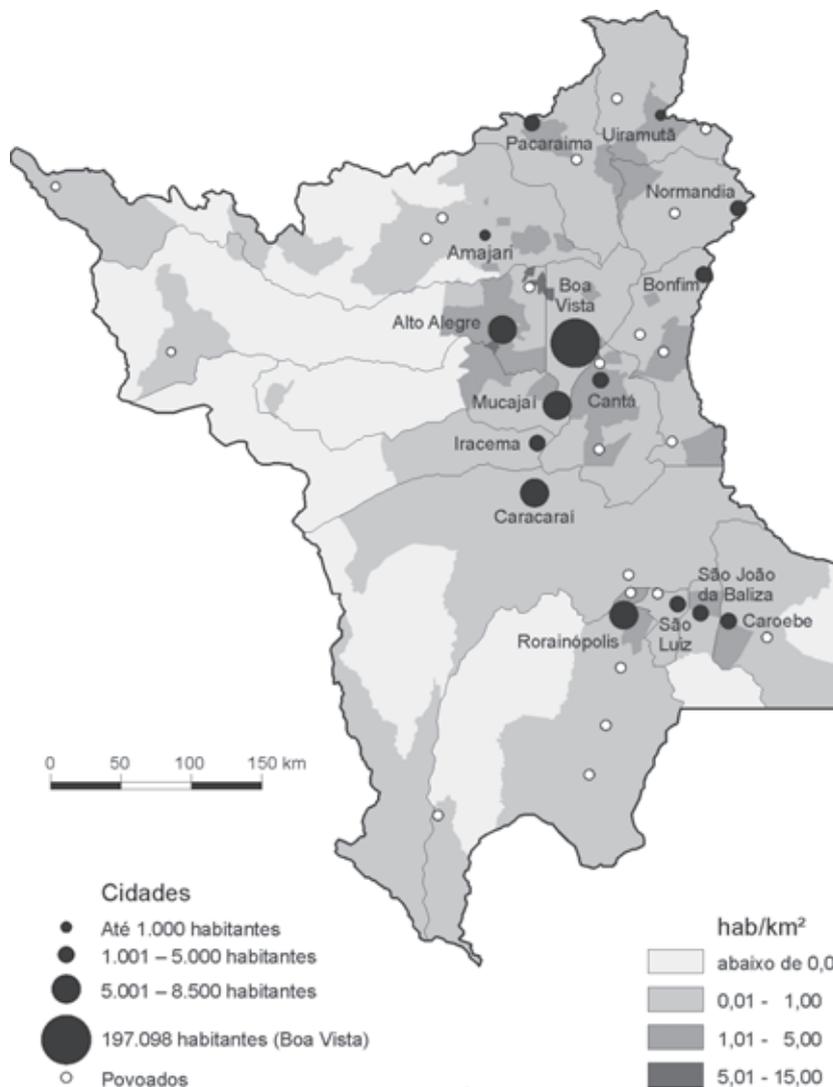


Figura 2
ESTADO DE RORAIMA
DENSIDADES DEMOGRÁFICAS, CIDADES E POVOADOS – 2000

Fonte: Elaborado com base em IBGE. Censo Demográfico – 2000, por setores censitários. CD-ROM, v. 1, Região Norte.

importantes áreas de colonização, e o Centro, unindo Boa Vista, Cantá, Mucajaí, Alto Alegre e parte de Bonfim, ou seja, a capital do Estado

e áreas também ligadas a projetos de colonização. No Norte, há algumas áreas um pouco mais densas mas com cidades ainda pequenas.

A distribuição da população rural por setores censitários confirma as observações acima mencionadas (figura 3).

Primazia urbana e integração das cidades

Como já foi indicado, a maioria dos municípios do Estado de Roraima é de criação bem recente, nas décadas de 80 e 90 como pode ser observado na figura 4.

Com isto, só foi possível construir um gráfico tamanho-hierarquia, com escala logarítmica nos dois eixos, comparando os anos de 1991 e 2000 já que no Censo de 1980 o Estado contava apenas com duas cidades, Boa Vista e Caracarái. Mesmo assim, é preciso considerar que, em 1991, Roraima tinha apenas oito cidades e, em 2000, 15 cidades, o que se reflete na configuração do gráfico (figura 5).

As duas situações apresentam, de forma praticamente igual, a grande ruptura entre Boa Vista, a capital, e a segunda cidade do Estado, Caracarái, refletindo uma típica situação de forte primazia urbana. Para o ano de 2000, mais expressivo quanto ao número de cidades e mais próximo da realidade atual, fica evidente a existência de três níveis hierárquicos, o da capital, o das cidades muito pequenas e o das cidades muitíssimo pequenas. Portanto, inexistem cidades que poderiam se aproximar

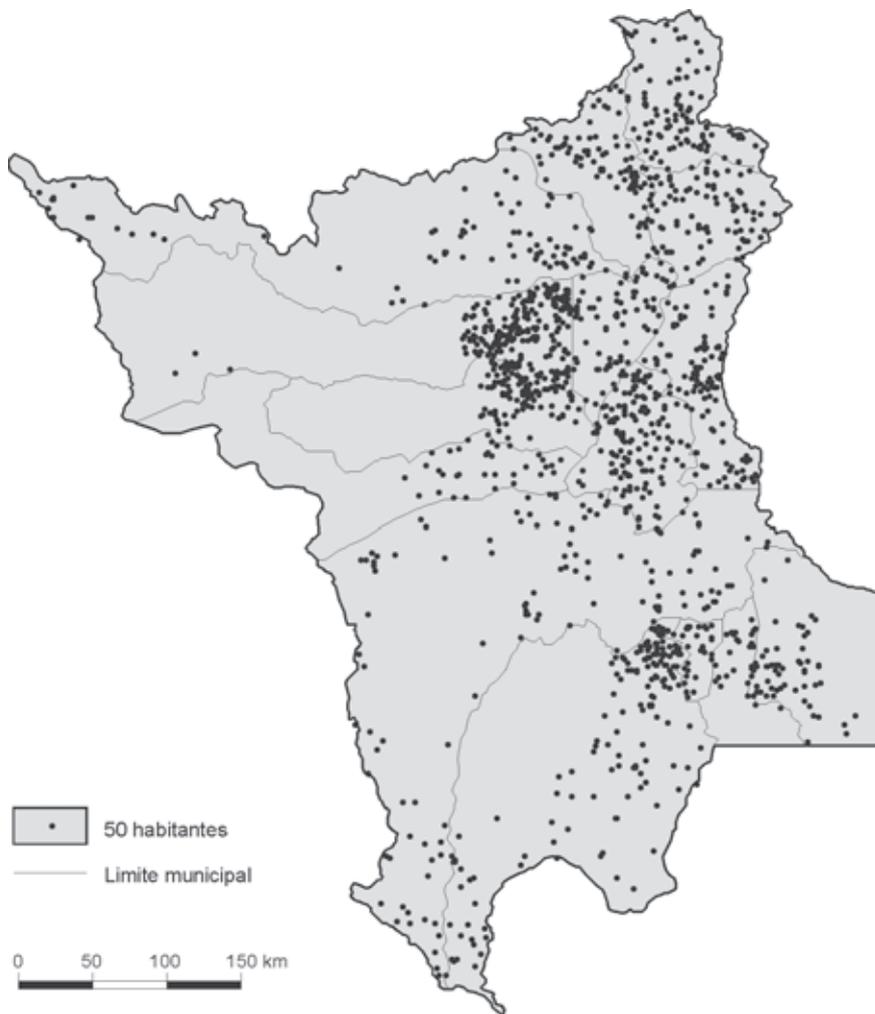


Figura 3
ESTADO DE RORAIMA
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL POR SETORES CENSITÁRIOS – 2000

Fonte: Elaborado com base em IBGE. Censo Demográfico – 2000, por setores censitários. CD-ROM, v. I, Região Norte.

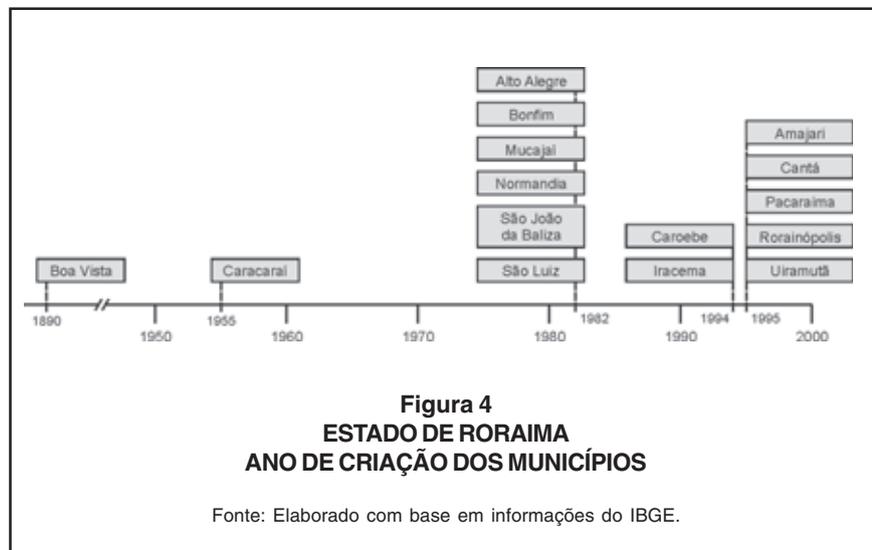


Figura 4
ESTADO DE RORAIMA
ANO DE CRIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

Fonte: Elaborado com base em informações do IBGE.

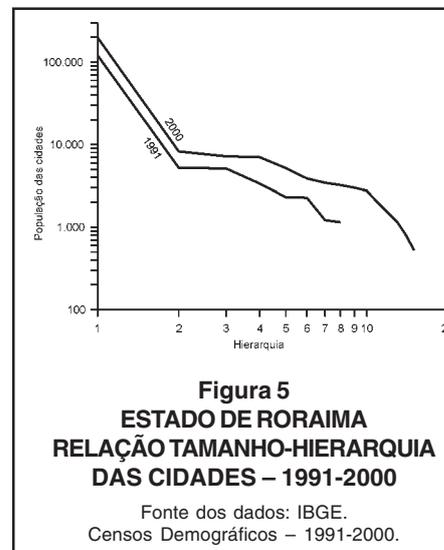


Figura 5
ESTADO DE RORAIMA
RELAÇÃO TAMANHO-HIERARQUIA
DAS CIDADES – 1991-2000

Fonte dos dados: IBGE.
Censos Demográficos – 1991-2000.

Tabela 7
ESTADO DE RORAIMA
COMPARAÇÃO ENTRE BOA VISTA EM RELAÇÃO ÀS DEMAIS CIDADES
COM BASE NO CONCEITO DE PRIMAZIA URBANA – 1991 e 2000

Cidades	População	Proporção 1991	%	Cidades	População	Proporção 2000	%
Boa Vista	120.157	–	–	Boa Vista	197.098	–	–
Mucajaí	5.222	23,01	4,35	Caracaráí	8.236	23,93	4,18
Caracaráí	5.139	23,38	4,28	Rorainópolis	7.185	27,43	3,65
Alto Alegre	3.356	35,80	2,79	Mucajaí	7.029	28,04	3,57
São João da Baliza	2.309	52,04	1,92	Alto Alegre	5.195	37,94	2,64
São Luiz	2.268	52,98	1,89	São João da Baliza	3.882	50,77	1,97
Bonfim	1.221	98,41	1,02	São Luiz	3.447	57,18	1,75
Normandia	1.146	104,85	0,95	Iracema	3.228	61,06	1,64
				Bonfim	3.000	65,70	1,52
				Pacaraima	2.760	71,41	1,40
				Caroebe	1.977	99,70	1,00
				Normandia	1.500	131,40	0,76
				Cantá	1.155	170,65	0,59
				Amajari	799	246,68	0,41
				Uiramutã	525	375,42	0,27

Fonte: Elaborado com base em IBGE. *Censos Demográficos* – 1991 e 2000.

da idéia de uma cidade de porte médio, em torno de 100.000 habitantes.

Isto fica ainda mais evidente quando se compara, com mais detalhes, a população das cidades, em 1991 e em 2000. A tabela 7 mostra a população das cidades, com a proporção das cidades do interior e sua porcentagem com relação à capital, Boa Vista. Em 2000, Boa Vista era quase 24 vezes maior que a segunda cidade do Estado, Caracaráí, e a população desta representava apenas 4,18% da população da capital do Estado. Por outro lado, as mudanças entre 1991 e 2000 são pouco expressivas. Em 1991, Boa Vista era 5,82 vezes maior que o total da demais cidades do Estado, totalizando sete centros urbanos, e, em 2000, 5,16 vezes maior que o total das sete primeiras cidades. Em 1991, as mesmas sete cidades representavam 17,20% sobre a população de Boa Vista e, em 2000, as primeiras sete cidades correspondiam a 19,38% da população da capital estadual.

Todos estes indicadores possibilitam, portanto, caracterizar a rede urbana de Roraima, com base no conceito de Jefferson, como sendo extremamente primaz. Em termos comparativos, os demais estados da

Região Norte apresentam uma estrutura urbana bastante diferenciada. Manaus é 24,70 vezes maior que a segunda cidade do Estado do Amazonas (Parintins); Macapá, 3,57 vezes maior que a segunda cidade do Amapá (Santana); Belém, 3,24 vezes maior que a segunda cidade do Pará (Ananindeua); Porto Velho, 3,01 vezes maior que a segunda cidade de Rondônia (Ji-Paraná); Rio Branco, 5,81 vezes maior que a segunda cidade do Acre (Cruzeiro do Sul) e, finalmente, Palmas, 1,27 vezes maior que a segunda cidade do Tocantins (Araguaína). Isto permite afirmar que, na região Norte, os Estados com maior primazia urbana são Amazonas e Roraima. Por outro lado, considerando que Boa Vista está geograficamente inserida na rede urbana de Manaus, da qual participa como cidade média com expressivo papel regional, é importante registrar que a capital amazonense é 7,08 vezes maior que Boa Vista.

A integração da rede urbana potencialmente comandada por Boa Vista, se dá por um conjunto de redes institucionais, econômicas, sociais, culturais e técnicas, com destaque para a rede de transporte. Como dizia Vidal de La Blache, um dos mes-

tres fundadores da Geografia francesa, estradas e cidades são os principais elementos que organizam uma região.

Assim, todo o sistema urbano de Roraima é hoje integrado por uma rede rodoviária que se estrutura de forma axial, Norte-Sul, ocupando mais a metade Leste do Estado, com ramificações Leste-Oeste, sobretudo na parte central, focada em Boa Vista (figura 6).

Pela sua importância, destacamos a BR-174 (Manaus-Boa Vista-fronteira com a Venezuela), totalmente asfaltada em 1997, como parte da estratégia dos eixos nacionais de desenvolvimento, a BR-210 (a Perimetral Norte, parcialmente implantada de Caroebe a Caracaráí e a Colônia São José), a BR-401 (de Boa Vista a Bonfim e Normandia, ambas na fronteira com Guiana) e as rodovias estaduais que ligam Boa Vista a Cantá e Alto Alegre e a BR-174 a Amajari. Pelas localizações estratégicas que possuem, mais distantes de Boa Vista, e pelo tamanho demográfico já atingido, duas cidades merecem uma referência especial na integração estratégica da rede urbana de Roraima: Caracaráí, na parte central do Estado e Rorainópolis, na



Figura 6
ESTADO DE RORAIMA
CIDADES E REDE RODOVIÁRIA

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000. DNIT. Mapa rodoviário Roraima – 2002.

parte sul, influenciando São Luiz, São João da Baliza e Caroebe, na BR-210.

Por outro lado, toda a rede urbana de Roraima, comandada por Boa Vista integra-se a Manaus, a metrópole da Amazônia Ocidental, o que foi bastante intensificado com a recente modernização e ampliação da rede rodoviária. Do ponto de vista econômico, a primazia urbana de Boa Vista manifesta-se de forma muito expressiva: o município da capital concentra 70,6% do PIB estadual em 2002, contra 61,7% da po-

pulação de Roraima, em 2002, com base em dados do IBGE. A mesma fonte informa que Boa Vista arrecada 94,8% dos impostos coletados em todo o Estado. O PIB do segundo mais importante município de Roraima, Rorainópolis, atinge 4,3% do PIB estadual, contra 5,7% da população. Boa Vista detém também a maior renda per capita do Estado, R\$ 4.749,00, contra a média estadual de R\$ 4.162,00, em 2002. A segunda maior renda per capita é a de Pacaraima, com R\$ 4.256,00.

Conclusão

Boa Vista é a capital regional de Roraima, com sua área de influência coincidindo com toda a extensão do território estadual. Nesta parte da Amazônia setentrional brasileira, há uma total coincidência do conceito cidade-região com os limites da unidade da Federação. Boa Vista exerce sua centralidade graças à grande importância do setor de serviços: comércio atacadista e varejista, administração e serviços públicos federais, estaduais e municipais, serviços financeiros (bancos), educação, saúde e transportes (rodoviário, aeroviário e fluvial), este hoje de pequena expressão). Como resultado, é muito forte a dependência das demais cidades com relação a Boa Vista. O papel do setor público deve ser ressaltado pela sua concentração em Boa Vista, aliás definida expressivamente pela imprensa local como a “capital do contra-cheque”. Com base em dados do IBGE, em 2002, 88,6% do valor adicionado de Boa Vista refere-se ao setor terciário, em sua maioria relacionado com o setor público. O setor industrial participa com 10,7% e o setor da agropecuária com apenas 0,7%.

Isto também revela o papel das políticas públicas, historicamente desenvolvidas, como o principal elemento de explicação para justificar o crescimento de Boa Vista e a formação de sua rede urbana primaz, articulada à rede urbana da capital amazonense. Assim, Boa Vista se firmou no extremo Norte do País, dentro do projeto geopolítico brasileiro, como um eficiente ponto nodal de controle político-institucional e econômico-social da região e isto se expande na medida em que se dinamiza a ocupação do território com diferentes usos, com destaque para a mineração, arroz, soja e pecuária e, de forma associada, com a implantação da rede rodoviária, especialmente o eixo da BR-174, com suas ramificações. Por conseguinte, a rede urbana de Roraima é fortemente primaz, frágil e pouco densa, com base no conceito de Jefferson, o que coloca em evidência a necessidade de novas políticas públicas, capazes de descentralizar as funções urbanas

de Boa Vista, tornando-as mais acessíveis à população de todo o Estado de Roraima e estrategicamente favoráveis ao desenvolvimento de outras regiões do Estado. Isto significa valorizar mais o critério da equidade espacial em busca de uma maior igualdade na estrutura e nas relações urbanas no Estado de Roraima.

Estas questões já começam a se expressar com firmeza com os recentes conflitos entre o Estado e a União decorrentes da demarcação da Reserva Indígena Raposa/Serra do Sol. Portanto, é crescente a busca de uma valorização dos interesses territoriais o que estrategicamente passa por uma rede urbana menos primaz e mais integrada.

Até recentemente, pode-se dizer que Boa Vista foi dependente unicamente das políticas públicas da União inseridas no modelo geopolítico brasileiro, como ponto avançado do Estado nesta parte do território nacional. Isto a tornou, portanto, historicamente muito pouco integrada à sua região de influência, que agora vem apresentando sinais de um certo dinamismo e potencialidade. Assim, com o enfraquecimento do papel do Estado Nacional, com a implantação do Estado de Roraima e com a abertura regional (e internacional) por meio da BR-174 com seus ramais, observa-se que Boa Vista deve procurar, daqui para frente, uma integração mais expressiva com sua região de influência, organizada de forma mais descentralizada e sistêmica. Para tanto, é fundamental a ampliação da base econômica regional para possibilitar uma maior autonomia relativa de Boa Vista com relação a Manaus e configurar um expressivo crescimento para algumas cidades estrategicamente localizadas, como Rorainópolis e Caracaráí.

Referências

AMORIM FILHO, O. B.; DINIZ, A. M. Roraima, uma rede urbana em gestação. In: III ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS REGIONAIS. Anais... Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004a.

AMORIM FILHO, O. B.; DINIZ, A. M. Boa Vista, Roraima: uma cidade média

na fronteira setentrional do Brasil. In: XXV CONGRESO NACIONAL Y X INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA. Resúmenes. Valdivia: Universidad Austral de Chile, 2004b.

BARBOSA, R. I. et al. *Roraima: bibliografias úteis à pesquisa científica – 1641-1998*. Manaus: MCT-INPA, 1998.

BARROS, N. C. C. de. *Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional*. Recife: Editora Universitária-UFPE, 1995.

BECKER, B. K. Uma hipótese sobre a origem do fenômeno urbano numa fronteira de recursos do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 40, n.1, p. 111-122, jan./mar. 1978.

BECKER, B. K. *Geopolítica da Amazônia, a nova fronteira de recursos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BECKER, B. K. A fronteira em fins do século XX – proposições para um debate sobre a Amazônia. In: *As mudanças na dinâmica urbano-regional e suas perspectivas*. São Paulo: NERU, 1984. p.59-73. (Edição Especial de Espaço & Debates n. 13).

BECKER, B. K.; EGLER, C. A. G. *Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

CHRISTALLER, W. *Central places in Southern Germany*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1966 (original de 1933).

FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DO ESTADO DE RORAIMA. *Roraima: Economia e Mercado*. Dados econômicos e sociais 2003. Boa Vista, 2003.

FREITAS, L. A. S. de. *Geografia e história de Roraima*. Boa Vista: DLM, 2000.

FRIEDMANN, J. La estrategia de los polos de crecimiento como instrumento de la política de desarrollo. *Revista de la Sociedad Interamericana de Planificación*, Cali, v.3, n.9/10, 1969.

FUNDAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E TECNOLOGIA DE RORAIMA – AMBTEC. *Roraima – o Brasil do Hemisfério Norte*. Boa Vista, 1994.

GUERRA, A. T. *Estudo geográfico do Território do Rio Branco*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.

GUIA Turismo em Roraima. Boa Vista: Federação do Comércio do Estado de Roraima, 2002/2003.

JEFFERSON, M. The law of the primate city. *The Geographical Review*, n. 29, p. 226-232, 1939.

MELLO, N. A. de. Amazônia: questão regional, nacional e global. *RA E GA –*

O Espaço Geográfico em Análise, Curitiba, n.3, ano 3, p.121-148, 1999.

RONDINELLI, D. A. *Secondary cities in developing countries*. Beverly Hills: Sage Publications, 1983.

SILVA, S. B. de M. e. Teorias de localização e de desenvolvimento regional. *Geografia*, Rio Claro, v.1, n.1, p.1-23, out.1976.

SILVA, S. B. de M. e. Desequilíbrios regionais no Estado da Bahia: avaliação e questões estratégicas. In: SEI. *Desigualdades regionais*. Salvador, 2004. p.203-218.

SILVA, S. B. de M. e; SILVA, B. C. N. Reinventando o território: tradição e mudança na região do sisal – Bahia. *Revista de Desenvolvimento Econômico*, Salvador, v.3, n.5, p.5-16, dez.2001.

SILVA, S. B. de M. e; SILVA, B. C. N. *Estudos sobre globalização, território e Bahia*. Salvador: UFBA. Mestrado em Geografia, Departamento de Geografia, 2003.

SILVA, S. B. de M. e; SILVA, B. C. N. Em busca de um novo modelo de desenvolvimento regional na Amazônia brasileira: o exemplo de Roraima. *Bahia Análise & Dados*, v. 14, n. 3, p. 615-628, dez. 2004.

SILVA, S. B. de M. e; SILVA, B. C. N.; LEÃO, S. O. *O subsistema urbano-regional de Ilhéus-Itabuna*. Recife: SUDENE, 1987.

ZIPF, G. K. *Human behavior and the principle of least effort*. New York: Addison-Wesley Press, 1949.

REVISTA DE
DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO

RDE

Números anteriores:

Secretaria da Revista
José Gileá de Souza
Márcia Stradman

Tel.: (71) 3273-8557
Tel.: (71) 3273-8528
e-mail: rde@unifacs.br